AS MARCAS DO GÊNERO NO SEXO NO CHÁ DE REVELAÇÃO: sentido e significado das múltiplas indidentidades do indivíduo

8

THE GENDER MARKS IN THE SEX IN THE REVEAL PARTY: meaning and significance of the individual's multiple indentities

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza

Doutoranda em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara
Mestra em Processos de Ensino, Aprendizagem e Inovação.

ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-1640-0266>>

E-mail: solmonteiro@ifsp.edu.br

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal

Doutorado em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara

E-mail: paulorennes@fclar.unesp.br

RESUMO:

Neste artigo, problematizo as novas maneiras de descobrir o sexo do bebê pelos pais e pela instituição familiar nos limites das instituições familiares e sociais em lidar com os sujeitos que fogem às normas de gênero. As expectativas da família, da escola, da sociedade e a realidade dos sujeitos que apresentam performances de gênero que fogem ao considerado normal, analisar as relações de poder no âmbito familiar. Para tanto, realiza-se uma breve evolução histórica da família brasileira, a qual permitirá constatar como o poder e a própria família evoluíram, deixando o poder de estar concentrado em uma única pessoa para transmutar para relações mais democráticas. Em seguida, para permitir melhor entendimento sobre o tema, apresentam-se situações em que a relação de poder no seio familiar foi se modificando. Temas que contribuam para o recrudescimento do debate educacional, bem como para a divulgação do conhecimento produzido na área.

Palavras-chave: Gênero; relações de poder; revelação; sexo

ABSTRACT:

In this article, I discuss the new ways of discovering the gender

of the baby by the parents and the family institution within the limits of family and social institutions in dealing with subjects who do not conform to gender norms. The expectations of the family, the school, the society and the reality of the subjects that present gender performances that escape the considered normal, analyze the relations of power in the familiar scope. In order to do so, a brief historical evolution of the Brazilian family is made, which will show how the power and the family itself have evolved, the power not being concentrated in a single person anymore to transmute to more democratic relations. Then, to allow a better understanding on the subject, there are situations in which the relationship of power within the family has been changing. Themes that contribute to the intensification of the educational debate, as well as to the dissemination of the knowledge produced in the area.

Keywords: Gender; power relations; reveal; sex.

INTRODUÇÃO

No Brasil, há pouco tempo, esse momento era bastante íntimo, acontecia na própria sala de ultrassonografia, com a presença dos pais, médico e, no máximo, avôs ou tios da criança.

Surgiu recentemente o Chá-revelação e tornou-se a última moda entre as futuras mães: É menino ou menina? Muita gente aproveita para revelar o sexo do bebê durante a festa, o que pode render boas brincadeiras e fotos emocionantes se transformando em um grande evento, uma moda que tem ganhado cada vez mais espaço no universo das gestantes anônimas ou celebridades que expõem nas redes sociais todas as etapas dessa revelação e, em quase 100% dos casos, as mães que querem saber o sexo do bebê antes do nascimento aderem a ela.

Os chás de bebê tornaram-se grandes eventos, com direito a bufê, decoração profissional e lembrancinhas caprichadas, tudo para dar as boas vindas ao bebê que ainda nem nasceu e reunir gente que anseia pelo grande dia, no meio de toda essa ‘gourmetização’ das festinhas para a chegada do bebê.

A comemoração é organizada com referências a ambos os sexos e, durante o evento, amigos e familiares ficam sabendo se o bebê que vai nascer é menino ou menina. Muitas vezes, os próprios pais

só descobrem o sexo do filho durante a festa: eles pedem para um amigo próximo ou parente ver antes de todos o resultado do exame de sexagem fetal para arquitetar a revelação. E há muitas formas divertidas de anunciar ao mundo o sexo do bebê: tem quem use balões, sprays, ovos ocos ou até o recheio do bolo.

Os convidados podem fazer suas apostas e registrá-las em fotos divertidas e placares, as brincadeiras remetem às diferenças entre os sexos e até os docinhos cheios de detalhes parecem lançar a pergunta: é menino ou menina? Na hora do anúncio, máquinas fotográficas a postos para registrar as reações dos convidados.

A partir do estudo da perspectiva do filósofo francês Michel Foucault (1999), acerca do poder, será vislumbrado, com base em suas premissas básicas, como o poder é exercido no seio familiar. Neste percurso, verificar-se-á que as relações de poder também acompanharam as transformações da família e vice e versa.

Berenice Bento (2011) aborda que nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade. Se meninos gostam de brincar de boneca ou meninas odeiam brincar de casinha, logo terá um olhar atento para alertar aos pais que seu/sua filho/a tem comportamentos “estranhos”. Daí o perigo que a transexualidade e a travestilidade representam para as normas de gênero, à medida em que reivindicam o gênero em discordância com o corpo-sexuado.

Os gêneros inteligíveis obedecem à seguinte lógica: vagina–mulher–feminilidade versus pênis–homem–masculinidade. A heterossexualidade daria coerência às diferenças binárias entre os gêneros. A complementaridade natural seria a prova inquestionável de que a humanidade é necessariamente heterossexual e que o gênero só faz sentido quando está relacionado às capacidades inerentes de cada corpo. Através de ações de gênero, a sociedade controla possíveis sexualidades desviantes. Será a heterossexualidade que justificará a necessidade de alimentar e produzir gêneros binários diariamente, em processos de feedback. Os gêneros inteligíveis são condicionados à

heterossexualidade e isso requer a complementaridade dos gêneros para se justificar como norma. O que se configura é uma evidente disputa com os valores hegemônicos que localizam e conferem direitos apenas a uma parte da humanidade.

Essa disputa revela a precariedade de um sistema de gênero e sexualidade baseado na regra biológica e, conseqüentemente, na genitalização das relações sociais. Essa precariedade pode ser observada quando milhões de pessoas ocupam espaços públicos exigindo a humanidade e tendo os limites dos direitos humanos, quando as pessoas transexuais reivindicam direitos e explicitam o debate sobre a diversidade e diferença de gênero.

De acordo com Hértier (1996), a reprodução sempre foi uma questão elementar para qualquer grupo social e sua normatização e controle um imperativo de sobrevivência. Seja por excesso ou falta, o equilíbrio entre recursos naturais e sociais, de um lado e contingente populacional, de outro, continua a ser uma preocupação de todas as sociedades na contemporaneidade.

Héritier (1996) questiona que a diferença dos sexos nas sociedades humanas tem um valor diferencial. A hipótese que foi refutada é que teria existido um período no qual, mulheres tiveram mais poder que os homens, um período de poder matriarcal, cabe a pergunta sobre o que leva a supremacia masculina ter sido a regra que perdura até a atualidade. De acordo com a autora, a diferença anatômica entre os sexos, mas principalmente os diferentes papéis na reprodução, tem sido um fator primordial.

O corpo humano, lugar de observação constante, lugar dos órgãos, funções elementares, humores -, apresenta um traço notável e certamente escandaloso, que é a diferença sexual e o diferente papel dos sexos na reprodução (HÉRITIER, 1996, p. 19).

Essas ideias criaram raízes na sociedade e eram esperados, tanto por parte do homem quanto por parte da mulher, certos padrões de comportamento que correspondem aos “papéis” femininos e masculinos. Com o fim ao longo dos anos, as mulheres sentem a necessidade de se “libertar” desses “rótulos” e irem alcançando, em algumas sociedades, seu espaço no mundo do trabalho, conquistando sua emancipação, embora esta conquista ainda esteja longe de ser

concluída.

Para Foucault (1999, p. 9) um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada, muda-se para dentro de casa, a família conjugal a confisca e absorve-a inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, cala-se, o casal, legítimo e procriador, dita a lei, impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos e, se o estéril insiste e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.

Bruschini (2000) diz que as relações de gênero, no núcleo familiar enquanto instituição, é lugar de reprodução dos estereótipos da sociedade, que se configura como capitalista e patriarcal. O papel da mulher dentro da família faz com que ela se insira em esferas diferentes: produção, reprodução, sexualidade e socialização das crianças. Nesse sentido, podemos observar que as mulheres têm na família os lócus de suas vivências e da sua sociabilidade, sendo responsáveis pela manutenção da ordem e tendo sua individualidade tragada pelo âmbito privado da reprodução social, à mulher se atribui o controle e a organização da vida familiar.

Para iniciar qualquer estudo sobre família, precisamos conceituá-la. Bruschini (2000) aborda à naturalização do modelo de família nuclear burguês, é reduzida ao de conceito de família a um grupo conjugal, em que os laços de parentesco e a divisão de papéis de gênero é tida como natural. Dessa forma, Bruschini (2000) aborda: “[...] o primeiro passo para estudar a família deveria ser o de “dissolver” sua aparência de naturalidade, percebendo-a como criação humana mutável”.

Existe, dessa forma, uma tendência a padronização da família, como um modelo imutável, que é constantemente reforçado pela utilização de fatores biológicos na explicação de fatores culturais, como forma de legitimar o modelo de família predominante dos séculos XVIII e XIX. Assim, Bruschini (2000) conceitua família como unidade

de reprodução social, incluindo a reprodução biológica, a produção de valores de uso e consumo, inserido em um determinado ponto da estrutura social, definido a partir da inserção de seus provedores na reprodução.

A família como espaço de socialização primária dos indivíduos se apresenta então como lugar de desenvolvimento das subjetividades humanas, da formação das personalidades e primeiro espaço de troca de informações sobre a sociabilidade, além de ser instância de desenvolvimento econômico.

Com o passar do tempo, as famílias vêm se diversificando e se tornando mais plurais, para além do modelo nuclear, que é o modelo formado por pai, mãe e filhos, temos ainda as famílias extensas, na construção de uma família na qual homem e mulher sexualmente acasalam-se e reproduzem a espécie para dar continuidade a humanidade culturalmente exigida pela a sociedade.

Como afirma Louro:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir efetivamente o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações entre homens e mulheres numa sociedade importa ressaltar não exatamente seus sexos, mas o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir através de uma nova linguagem na qual o gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997a, p. 21).

De acordo com Szymanski (2004), é na família que a criança encontra os primeiros “outros” e com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva, construída na afetividade e constitui o primeiro referencial para a sua constituição identitária. A criança, ao nascer, já encontra um mundo organizado, segundo parâmetros construídos pela sociedade como um todo e assimilados idiossincraticamente pela família que, por sua vez, também carrega uma cultura própria. Essa cultura familiar que lhe é específica apresenta-se impregnada de valores, hábitos, mitos, pressupostos, formas de sentir e de interpretar o mundo, que definem diferentes

maneiras de trocas intersubjetivas e, conseqüentemente, tendências na constituição da subjetividade.

Lahire (1997, p. 20-29), ao estudar histórias de sucesso escolar em crianças de camadas empobrecidas da população, aponta para alguns temas entrelaçados, cuja consideração ajuda a compreender a direção da socialização familiar e sua relação com hábitos e conhecimentos, valores e regimes disciplinares valorizados pela cultura escolar. Os temas são os seguintes: as formas familiares da cultura escrita, condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico.

É necessário, ao analisarmos a maneira pela qual as pessoas concebem a família, considerarmos o sentido e a ideologia que as levaram a escolher uma ou outra forma de organização e constituição familiar, assim como a forma de relacionamento intrafamiliar. Precisamos considerar a questão histórica, que não se encontra dissociada das circunstâncias do cotidiano, é preciso também que compreendamos as escolhas que definem um ou outro rumo no pensar ou no vivenciar a maneira de ser família na sociedade contemporânea. A estrutura organizacional familiar, porém, não significa necessariamente um determinante da forma como se dá a relação.

Podemos encontrar duas famílias com a mesma composição que apresentam modos de relacionamento completamente diferentes. Nesse contexto, o que se pode levar em conta são suas histórias e as questões socioculturais. As mudanças societárias afetam a dinâmica familiar como um todo e, particularmente, cada família, conforme sua composição, história e condições socioeconômicas.

ALGUNS RELATOS

“Onde está o menino que fui, segue dentro de mim ou se foi? Sabe que não o quis nunca e que tampouco me queria? Por que andamos tanto tempo crescendo para separar-nos?” Pablo Neruda

G1 “Quando comecei a pesquisar a respeito de chá, no que poderia fazer de diferente, li sobre o chá revelação.

Achei a ideia muito legal, pelo fato também da emoção no momento da revelação, da surpresa sobre o sexo do bebê, achei o máximo, falei com meu marido Paulo e ele topou na hora. E aí, comecei a procurar as opções e escolhi a ideia da caixa. Achei que seria legal quando os balões saíssem de dentro da caixa decorada com o nome que teria o bebê.”

G2 “Minha irmã Sandra que ficou responsável por ver com o médico o sexo e guardar o segredo. Preferi fazer a ultrassonografia um dia antes do chá, com 21 semanas, apesar do risco de não dar pra ver o sexo, mas deu tudo certo, ela colaborou direitinho (risos). Para mim foi uma surpresa muito grande, estava achando que era um menino, mas quando descobrimos que era mais uma menininha ficamos radiantes de tanta alegria.”

G3 “Lara, nossa filha de 8 anos, ficou super empolgada com a revelação, feliz em saber que teria uma amiguinha. É um momento único, um misto de emoção, minutos antes de saber, quando todos começaram a fazer a contagem regressiva, meu coração disparou. Adrenalina pura!”

G4 “Escolhemos fazer o chá de revelação, porque antes de engravidarmos já conhecíamos essa tendência e achávamos um máximo. Sempre achei o chá de fralda e bebê meio chatinho, aí com a revelação eu acho que as pessoas ficam mais motivadas a irem pela curiosidade. Quem guardou o segredo foi a minha irmã, Alice. Fiz o exame na segunda-feira da semana do chá, que aconteceu no sábado. Estava com 19 semanas e de cara o médico já viu.”

G5 “Eu fiz com cinco dias de intervalo porque caso a pequena aqui não quisesse se mostrar, teríamos mais tempo para marcar outro exame (risos). A ideia escolhida foi a chuva de confete. O bolo e a caixa nós já conhecíamos, mas queríamos algo que fosse diferente, aí pesquisando na internet, uma amiga me marcou em uma postagem no Facebook e outra foi em um chá assim e me contou.”

G6 “Eu amei a ideia e resolvi fazer. Além de ser diferente, como optei por uma decoração em tons de branco e

nude, achei que ia ficar legal quando estourasse a cor, ia colorir a festa e causar um contraste (risos). O momento da descoberta é inexplicável, muita expectativa e nervosismo. É lindo e emocionante. Eu amei a experiência”.

G7 “Com três meses fiz o exame de translucência nugal, que é para ver se o bebê tem Síndrome de Down, só que o meu médico é especialista em descobrir o sexo. Então fiquei animada e pedi para que uma amiga nossa, a Priscila, nos acompanhasse nesse exame para ver se nosso bebê era menina ou menino. De lá, a Priscila ligou para a confeitadeira e pediu para que ela fizesse o bolo com a massa da cor correspondente. Como ainda estava com poucos meses e muito ansiosa para saber, não tive tempo para organizar um chá, preferi reunir familiares e amigos mais íntimos em uma pizzaria da cidade. E aí, tive a ideia do bolo porque era mais prático, não aguentaria esperar para organizar algo maior. Para se ter uma ideia da ansiedade, marquei a revelação para o mesmo dia do exame. Fui meio maluca, eu sei, porque fiz a revelação pela suposição do médico, mas como ele é famoso em adivinhar o sexo dos bebês, resolvi confiar. Fiquei muito surpresa quando soube que era menina, realmente acreditava que seria um menino o tempo todo. Levei um susto, confesso, mas agora me sinto muito mais feliz sabendo que a Dudinha vai chegar”.

G8 “Minha gravidez foi super planejada e uma das coisas que eu sonhava era a hora da descoberta do sexo. Sempre quis dividir esse momento com meus familiares e amigos mais próximos, aí optamos por fazer o chá revelação para poucas pessoas no início da gravidez - ainda faremos o tradicional chá de fraldas. Optamos por descobrir se era menino ou menina bem no comecinho, através do exame de sangue (a sexagem fetal). Por ele é possível saber bem cedinho, eu estava com apenas 10 semanas de gestação quando fiz. Quem guardou o segredo foi a minha melhor amiga, Karina. Ela soube o resultado quase duas semanas antes do chá. Mandeí a senha do laboratório para ela e joguei fora logo depois (risos). Para a revelação fugimos do tradicional “corte do bolo”. Nossa cadelinha foi toda enfeitada de rosa pela guardiã do segredo e na hora da revelação ela saiu de dentro de uma caixa e descobrimos que era uma menininha pela cor dos acessórios e bolas. Foi, sem dúvidas, um dos momentos mais especiais da minha vida. Descobrir o sexo rodeada das pessoas que eu

mais amo no mundo e ver a reação de todas foi incrível!”

G9 “Na hora eu fiquei meio sem chão. O Lucas já esperava (que fosse menina), foi ele que escolheu o nome”, lembra a mãe, Caren. Ela explica que a reação do marido, que foi comentada por muitos usuários na internet como negativa, foi em relação a brincadeiras que os amigos desse faziam caso a filha fosse mulher. Ela se revela nervosa para o nascimento da pequena Lavínia, que deve acontecer no próximo 17 de julho. “Eu não tinha preferência (de sexo), mas estou bem confiante que vai dar certo. Estou muito feliz.”

G10 “Olá, meninas! Gostaria de saber se alguma de vocês já passou por essa situação. Quero compartilhar minha desventura em série com vocês. Estou grávida de 23 semanas, com 13 semanas fiz ultrassom (translucência nugal) e o médico disse que meu bebê era menina. Me deu 90% de certeza. Como é a primeira filha, a primeira neta, a primeira sobrinha, a família saiu louca fazendo compras. Compramos todo o enxoval, umas coisas vieram até da Flórida. Compramos roupas, carrinho, bebê conforto e muito mais. Tudo rosa.”

G11 “Quando com 17 semanas entro pra fazer a ultrassom, já deito na maca e falo pro médico:- “Dr. Vim só confirmar que é menina, pois o outro médico já me confirmou na última ultrassom”. Quando ele começa a fazer o exame, me diz:- “Olha o tamanho do pintinho da sua filha!” gente, eu não conseguia falar nada. Meu marido começou a debater com o médico dizendo que não, pois nós já compramos tudo e é uma menina mesmo, que já fizemos o enxoval e tudo mais. Eu não consegui falar, simplesmente ria muito com toda aquela situação. E como contar pra família toda que a (Manuela) era menino”

A imaginação do estereótipo social não é consequentemente atingida com a mudança de gênero conforme depoimento de Lea T:

Eu achava que a minha felicidade era embasada na cirurgia. Fiquei mais à vontade, mas um pênis e uma vagina não trazem felicidade para ninguém. Nunca vou ser 100% mulher. Calço 42, minha mão é enorme, meu ombro é largo. Quando fiquei deitada na cama, entendi que isso tudo é uma bobeira. É um detalhe importante para

a sociedade (Lea T).

Quando se conhece a biografia de Leandra Cerezo, é difícil não pensar em destino. Sua vida até a fama – que a transformou em Lea T, uma das modelos mais famosas do mundo – parece ter sido planejada com o objetivo de prepará-la para uma missão de vida.

Leandra nasceu Leandro, segundo filho de Toninho Cerezo, um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro. A carreira do pai levou Lea ainda bebê a Gênova, na Itália. No país, estudou Belas Artes e fez amigos no mundo da moda como o estilista Riccardo Tisci, cuja amizade lhe abriria as passarelas.

Crescer num ambiente familiar amoroso, rodeada de amigos, facilitou quando Leandro descobriu que seu gênero de nascimento não o representava. A fama como Lea, no entanto, trouxe o confronto inevitável com um mundo nem sempre receptivo. Leandra respirou fundo, encarou suas batalhas e se tornou porta-voz de uma geração de transexuais que vêm ganhando visibilidade inédita.

Aos 35 anos, Lea T encontrou paz de espírito na terra natal: vive em uma casa incrustada na Chapada dos Veadeiros, rodeada de natureza exuberante. Em suas próprias palavras, Leandra Cerezo se diz uma pessoa finalmente feliz e realizada: “Estou serena. Vivo num lugar maravilhoso, rodeado de pessoas especiais, tendo uma conexão com a natureza e com o Brasil. Estou amando até envelhecer.”

“Eu reprimia meu corpo, renegava certas partes. Mas tive a sorte de ter família e amigos apoiando. Tive uma vida cheia de amor, faço parte daquele 1% que tem muita sorte.”
“Também tive momentos muito difíceis, não foi um conto de fadas. Ter o mundo dando opinião sobre coisas íntimas suas o tempo todo não foi fácil. São marcas de guerra que a gente carrega.”
“Eu sofro discriminação por ser transexual, por ser negra e por ser mulher. Eu faço coleção. Eu também vivo o machismo.”

Para Foucault (1999, p. 12), existe, talvez, uma outra razão que torna para nós tão gratificante formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder;

desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura.

Apesar das novas concepções e práticas da saúde que o ser deve ser considerado um sujeito biopsicosocial, a transexualidade como consta nos depoimentos ainda se vê inserida no modelo ultrapassado biomédico pautado na divisão cartesiana mente/corpo e que a inserção de práticas psicológicas se constitui como formas paliativas ao modelo dominante.

Linguagem Virtual e a Virtude do Sentir: Sexo e Sexualidade

“Agora eu era o rei. Era o bedel e era também juiz. E pela minha lei. A gente era obrigado a ser feliz” Chico Buarque

Uma vez discutidos e conferidos os aspectos mais marcantes da autoconstrução dos homens, processo dentro do qual se elaborou e se elabora a totalidade humana, é importante desdobrar as determinantes do atual momento de reflexão estabelecido pela emergência das novas tecnologias e virtualmente pode reconfigurar o processo identitário como expressão das potências de apropriação e objetificação dos indivíduos socialmente determinados, permeadas pela relação da objetividade externa a eles adquirem um sentido propriamente real e não somente enquanto mediações pragmáticas.

As implicações sociais e individuais dos procedimentos de virtualização dos processos produtivos sexuais e interativos no que estes representam ou podem representar, para a constituição de um novo sujeito que chega ao universo experienciando-se a realidade e as atividades cotidianas dos indivíduos, da mãe do e da família e dos amigos, surgem transformações por meio dos dispositivos e mobilizações dos sistemas lógicos de controle e ordenamento que instauram em virtuais e configurações figurativas dinâmicas o sexo do bebê. Para além da iconografia computacional, está o ser humano o qual recebe uma nova relação entre representação e representado, vem a surgir igualmente a percepção prática da ordem formal dos fenômenos. Implicando nisso o acesso a todas informações sobre si previamente determinadas e subjacentes ao funcionamento de processos objetivos que possam ser no futuro suas escolhas.

A sua formação enquanto sujeito bebê, menino ou menina, emerge como o evento organizado antes de sua concepção e continua após o nascimento mediante as operações cotidianas com a alçada no

virtualizado. Acerca da formação da sexualidade que não é percebida e não é imposta a si pelo bebê que apenas quer vivenciar o sabor da sensibilidade humana, como resultante do seu processo ativo da vida social e da experimentação prática de situações nas quais os sentidos humanos são requeridos, exercitados, produzidos e transformados. Neste contexto, a sensibilidade humana é definida como resultado e pressuposto continuamente remodelado de conexões essencialmente ativas dos indivíduos com a efetividade objetiva que o sujeito que o concebeu e a sua família definem.

A questão examinada remete-se para as consequências deste fenômeno recente de interatividade social tanto para o conjunto da forma da sociabilidade quanto para a constituição dos sujeitos vivos, ativos e sociais que também por meio da virtualização se objetivam e se relacionam reciprocamente, apresentando a todos e viralizando virtualmente o bebê sexualmente nomeado e definido. Afinal, que tipo de sensibilidade, pode ser inferida diante dos desdobramentos tecnológicos que se apresentam e se afirmam cada vez mais como irreversíveis, o determinante binarismo. E o desenvolvimento social que articulam, e que também podem entrar em contradição, com as principais determinações do modo de produção capitalista e da forma de individuação a este correspondente.

A possibilidade de mobilizar e operar com os elementos de natureza formal comporta que modos de transformação da relação dos sujeitos com sua atividade mais íntima de ser. Esses são alguns dos problemas que devem ser enfrentados pela reflexão conceitual que se queira mais que reação meramente negativa face aos novos contornos de sexualidade humana dentro de uma realidade social que advém virtualmente do processo de transformação ora em curso. A emergência destas novas reflexões, da experiência social de mundo requer uma negação moral, ética ou filosófica, bem ao gosto das posições que preponderam ainda nas humanidades, mas o reconhecimento de suas principais determinações objetivas, bem como a compreensão de suas possibilidades e contradições imanente.

Em um primeiro momento, é importante fixar de modo claro e bem delimitado determinadas pontuações categoriais que visam esclarecer o conteúdo efetivo dos conceitos, o fixo e constante, o ser menino ou menina. O que se reveste de grande importância, porquanto isto permita compreender criticamente o modo como os

desenvolvimentos científicos e tecnológicos alcançam a instância da vida cotidiana e passam a se expressar imageticamente no senso comum. Uma dessas categorias que mais sofre mal-entendidos provenientes da incompreensão de que o sujeito pode se expressar e sentir-se menino ou menina sem que isso o aprisione.

Em geral, a decisão já é articulada de maneira implícita ou explícita a significação de ausência de substancialidade, uma existência fantasmagórica cuja matriz seria aquela da irrealidade. Neste sentido, é contraposto à realidade material como um algo a que falta consistência e mesmo objetividade. Considere-se, de início, a contraposição imediata e enganadora entre real e virtual. Assim, a palavra virtual é a “realidade”, supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, como o exprime Pierre Lévy.

Frente a isso, tome-se o sentido mesmo da palavra virtual: originada do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Ou seja, a virtualidade indica uma emergência ou um aspecto que pode vir a surgir, que possui a capacidade em si mesmo, ainda que não de maneira autárquica e autossuficiente de vir a ser, de devir em processo. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Assim, esclarece Lévy (1998, p. 15) que: “(...) o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”

Frise-se que afora o afastamento da dicotomia simplista entre real e irreal – não obstante esta distinção exista e deva existir, a questão é que ela não é adequada para o contexto – e igualmente um outro ponto crítico que se evidencia na argumentação de Lévy: o deslocamento do campo semântico substantivo para aquele processual. O virtual se diz, para retomar não por acaso uma fórmula aristotélica, como processo, atividade.

Pelo momento, cabe desdobrar esta precisão, acompanhando o filósofo francês, para buscar-se discernimento categorial mais adequado. O virtual, como processo, não se opõe ou ao menos se diferencia da realidade física ou objetiva, mas sim à categoria do possível. Virtualidade e possibilidade, conquanto sejam comumente entendidos como termos sinônimos se referem a contextos e funções no processo de efetivação, de produção ou de realização, bastante distintos. Consoante Lévy, virtualidade se refere ao momento de pro-

jectum, de esboço de princípios, cuja démarche é estabelecida pela articulação das categorias na qual o momento preponderante, mais determinativo, é exatamente aquele da architecture. O latinismo vertendo aqui o núcleo significativo do termo grego originário que articula o ato de construir como tal. Passo da objetivação na qual se estabelece o enquadramento geral. Versa, portanto, sobre o que define o rumo mais profundo da processualidade. Já o campo do possível seria, por conseguinte, próximo àquele do real: só lhe faltaria a existência propriamente dita, como plenitude objetiva das categorias.

Consequentemente, não há escolha a se fazer, não se pode opor ao que é real, mas sim ao atual e ao que é exposto. Contrariamente ao possível, estático, dado e já constituído, o sexo do recém-nascido passa a ser uma complexa problemática, o nó de tendências ou de forças que acompanham essa definição, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que exige um processo de resolução: a manutenção do status. A existência do sujeito se aproximaria mais da imagem de um fluxo inicial que a de uma represa cujas comportas estariam a ser abertas. O processo de vir a ser se caracterizaria, portanto como o de uma análise na qual os elementos e relações são extraídos do complexo no qual perfazem sua efetividade, com a verificação da estrutura em que estes assumem seu lugar e reelaboração desta. A atualização é exatamente o encaminhamento da processualidade, no sentido da construção do todo articulado como princípio ou vigência estrutural de um dado sentido, entre outros ali em latência. Os aspectos e relações afirmam uma estruturação na qual a armação toma configuração, sem necessariamente assumir a figura concreta, pronta e acabada, de uma existência objetivamente posta. Atualização e virtualização a determinação do sexo se entendem então como momentos antitéticos, porém complementares, interconectados e reciprocamente determinados, da dação de forma objetiva e/ou material no curso da atividade produtiva.

A determinação do sexo aparece então como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado. Não é uma dedução operativa, nem o momento de resolução efetiva, mas de composição de um dado arco de liames e remissões dos elementos num todo. Ou seja, não se trata ainda de pôr em operação ou deflagrar um processo represado ou possivelmente dado, de encaminhar por meio da atividade produtiva o curso impedido

ou atrasado pela simples ausência de uma causa eficiente, da atuação material ou objetiva sobre a sexualidade imanente, é, segundo Lévy (1998, p. 16): “algo mais que a dotação de realidade a um possível ou que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual”. O ato de produzir, em sentido amplo no que tange ao quadro ontológico de referências, valendo da produção de valores de uso palpáveis àquele de operacionalização formal dos processos, é uma atuação criadora. O devir não está contido na madeira como uma possibilidade inscrita organicamente na realidade biológica da árvore, mas tão somente como virtualidade pelo conjunto de propriedades objetivas que se enlaçam e perfazem a existência concreta e finita daquela árvore em especial.

Como se viu, a virtualização de propriedades existentes num dado complexo de categorias, a reconfiguração daquelas em elementos a serem reunidos e concatenados numa nova totalidade aparece como uma das características mais centrais da produção. No entanto, como chama a atenção Lévy (1998, p. 17), o processo de virtualizar categorias não somente é atinente à produção estrito senso, mas igualmente à organização das condições, tanto objetivas quanto subjetivas da atividade humana: “(...) a interação entre humanos e sistemas informáticos tem a ver com a dialética do virtual e do atual”. Utilizando-se novamente da imagem do fluxo processual, a montante, a redação de um programa, por exemplo, trata um problema de modo original. A jusante, por sua vez, tem a ver com a atualização do programa em situação de utilização, desqualificar certas competências que já foram autorizadas pela própria sociedade de definir o que certo ou errado, o que é do sexo feminino e o que é do sexo masculino e como deve funcionar, faz emergir outros papéis e funcionamentos, desencadeia conflitos, desbloqueia situações, instaura uma nova dinâmica de vida. Assim, “O real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe”. Não mais o virtual como maneira de ser, mas a virtualização como dinâmica. A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual, aquilo que foi nomeadamente definido ao virtual. Por isso, a virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis):

“(...) mas uma mutação de identidade, um deslocamento

do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: (...) em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma 'solução'), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático" (LÉVY, 1998, p. 17-18).

Virtualização a Exposição do Sexo do Bebê

Somos quem podemos ser. Engenheiros do Hawaii
Um dia me disseram. Que as nuvens não
eram de algodão. Um dia me disseram
Que os ventos às vezes erram a direção. E tudo ficou tão
claro. Um intervalo na escuridão. Uma estrela de brilho
raro. Um disparo para um coração

O virtual assim não se coloca como um puro imaginário, no sentido de uma presença meramente ideal, subjetiva. A virtualidade se coloca como processo de reconfiguração da articulação dos elementos que emergem promovendo um conjunto de transitividades inauditas. Primeiramente, somente participa da efetividade dos processos de realização, tendo como pressuposições necessárias a totalidade de condições materiais mobilizadas para tornar o circuito informacional uma possibilidade concreta. Em segundo lugar, tem a processualidade virtual, efeitos práticos mensuráveis e existencialmente evidenciados.

Uma de suas principais modalidades, o desprendimento do aqui e agora, aponta à possibilidade de um rearranjo contínuo de rotinas e formas de interatividade produtiva em torno da definição de projetos de vida para o bebê da infância a juventude, desrespeitando aquilo que ele se autodefine. O que vale igualmente para as relações sociais, nas quais transcorrem a produção da vida. O virtual também se apropria e não passa a ser situado precisamente. Seus elementos são nômades, dispersos e a pertinência de sua posição geográfica influencia e é influenciada.

O que não resulta numa desrealização do processo, mas na sua concretização montada na dinâmica da reconfiguração de elementos e relações postos em virtualidade. Os aspectos e condições tomam a forma de virtuais na medida em que sejam passíveis agora de separação de seu contexto inicial e de serem rearticulados sob a vigência de novas demandas técnicas e societárias. Evidentemente, ressalte-se, não se faz aqui tábula rasa da existência do controle social do capital, das pressões e coações exercidas no exercício deste domínio e de seus

antagonismos inerentes.

Deste modo, os sujeitos vivos e ativos continuam a existir e a operar as condições na forma ou numa modalidade de existência particular da interatividade social dos indivíduos.

O processo como contradição operada e operante atua simultaneamente na forma da maximização do sobretempo relativo ao sexo do bebê. De uma parte, torna a economia temporal obtida pela virtualização do lócus da atividade um insumo a mais na valorização. E, de outra parte, virtualiza igualmente as conexões sociais entre os sujeitos. De certa maneira, torna visível e mobilizável os contornos sexuais pelos quais se exercem os controles, os relativiza enquanto instâncias imediatas de dominação. Ao mesmo tempo, estende as conexões, tanto intensiva, pondo-as como uma rede interdependente de produção, quanto extensivamente, ao construir liames que virtualmente podem extravasar as delimitações particularizadas da propriedade do seu próprio ser.

A exposição virtual desde a gravidez, que se transformou em um reality da gravidez ao nascimento do bebê da apresentadora Sabrina Sato. Três dias após anunciar sua gravidez, Sabrina Sato recebeu Rodrigo Faro em seu quarto no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Amigos há anos, a apresentadora, ao lado do noivo Duda Nagle, revelou detalhes de como foi descobrir a gravidez, considerada de risco por conta de um descolamento ovular. animada, ela revelou até que espera uma menina! “Eu sou muito ansiosa e já fiz o exame (de sexagem fetal) na oitava semana!”. A entrevista gravada e foi ao ar no sábado no ‘Programa da Sabrina’.

Há mais de 20 dias no hospital, Sabrina não desanima: “Eu precisava contar pra todo mundo a verdade sobre o que estou passando, porque estava rolando muita especulação”, disse ela, revelando que a Record já sabia desde o início. “Eu sempre sonhei em ser mãe e em ser apresentadora. Mas eu tinha medo: como conciliar esses sonhos? Será que eu seria uma mãe tão boa quanto a minha foi pra mim?”, disse e completou: “Mas desde que descobri que tem alguém aqui dentro, ganhei uma força. Parece que o mundo se transformou”.

A DESCOBERTA

“Porque o mais surpreendente é que, mesmo depois de saber de tudo, o mistério continua intacto. Embora eu saiba

que de uma planta brotar uma flor, continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza.” Clarice Lispector

Gargalhando como sempre, mas também os olhos cheios de água em diversos momentos da entrevista, ela contou que está de nove semanas e revelou como foi descobrir a gravidez.

Eu levei um tombo passeando com minha família. Fiquei uns dias de repouso e voltei a gravar, mas não tinha feitos exames pra ver como estava. Aí trabalhei, até dancei com a Carla Perez!”, ri e continua: “Ao mesmo tempo, estava menstruada há algumas semanas seguidas. Todo mundo dizia que eu estava mais inchada e eu dizia que era a menstruação. Com tudo isso resolvi fazer um check-up no hospital e, no mesmo dia, decidi fazer também um teste de farmácia, porque comecei a desconfiar. Cheguei a pensar que eram gases, gente!”, ri. “Aí fiz o exame – tinha vários desses de farmácia em casa – e fui escovar os dentes. Quando bati o olho, estava grávida!”, disse ela, que mais tarde, fez também um exame de sangue no hospital. “Não contei pra ninguém e fui trabalhar. Senti medo, porque por mais que a gente sonhasse, não foi planejado”.

Sabrina havia tirado o DIU Mirena em fevereiro, mas não esperava que a gravidez fosse acontecer agora. “Não tinha ido a um médico e nem decidido nada com o Duda: “A gente até conversava, mas nada sério”. Neste mesmo dia, Sabrina mandou uma foto do exame para o noivo.

Nem fiz surpresa e nem nada! Ele nem entendeu quando recebeu a imagem! Mas depois chorou muito, ele sempre foi mais chorão que eu!”, revelou. “Ele é o homem que escolhi pra ser pai do meu bebê mesmo. Tem valores parecidos com os meus e cuida muito de mim”. Os dois estão morando juntos e planejam o casamento, ainda sem data marcada.

Duda já tinha publicado um post tocante sobre a gravidez. Na entrevista, ele se emocionou muito ao contar do coraçãozinho batendo.

Pronto pra ser pai a gente nunca está, mas isso força a gente a ficar mais dedicado e continuar com afinco na missão! Em nenhum momento pensamos em desistir”, contou o ator. E de fato, a gravidez passa por complicações. Sim, é uma gravidez de risco, porque tenho um hematoma subcoriônico. O saco gestacional está colado, mas em volta tem uns machucadinhos, uns hematomas. No dia que fui internada, eu tive hemorragia e achei que tinha perdido

o bebê. Chorei muito com minha irmã”,
disse ela, que foi hospitalizada na mesma hora.

Ainda bem que eu machuquei a perna e descobri que estava grávida ou eu poderia ter abortado se descobrisse mais pra frente. Ainda existe o risco de perder o bebê sim. Quando eu entrei era de 70%. Eu oro o tempo todo, mas a verdade é que é um dia após o outro. A tendência é que vá cicatrizando. Cada dia é uma vitória,

contou ela, revelando que já perdeu as contas de quantos ultrassons fez neste período internada.

O melhor som é o coração do seu bebê batendo. A chance dele sobreviver era tão pequena que quando eu vi tudo que ele passou, eu falei, ‘é muito guerreiro!’” Agora, no entanto, a bebê se desenvolve normalmente e a gestação progride bem. “Está extremamente saudável, o coração tá batendo, tá se movimentando, tem o tamanho ideal, tudo perfeito!” Tô falando isso em um momento ainda de risco. Eu tentei preservar este momento pra família e amigos, mas era tanta gente querendo saber, tanta especulação, que eu não queria mentir, não podia falar que não tinha nada”.

E apesar da felicidade estampada no rosto, os dias no hospital não estão fáceis para Sabrina. Longe das gravações há mais de um mês, ela teve muito medo quando soube que teria que parar de trabalhar.

Minha segurança sempre foi o meu trabalho. Eu gosto de gravar, gosto da vida, do sol, das pessoas, o oposto de ficar trancada num quarto”. Bateu, inclusive, um momento de desespero. “Eu me perguntava o porquê disso ter acontecido comigo, por que logo eu preciso ficar parada?”, mas ela logo pensa e responde, emocionada: “Acho que já era meu bebê dizendo ‘olha pra mim, dá um tempo pra mim...”.

É menina!

Desde o início eu sempre sonhei com esse momento. Não sabia que eu merecia tanto. Deus faz tudo direitinho e do jeito que eu sempre sonhei. Falei para o Duda que o que viesse estava bom, mas que eu queria que o primeiro fosse uma japinha. Ela vai vir com pinta e quando chorar vai falar: ‘é verdade, mãe’, falou Sabrina. “Ela sempre imaginou que fosse menina, mas eu sempre imaginei que fosse menino o meu primeiro filho”, completou Duda. “A menina é companheira, entende a gente, cuida dos outros irmãos. A menina vai vir com toda força! Queria que se

chamasse Amora, feminino do amor. Também pensei em Nirvana”.

Após muitas dúvidas, Sabrina Sato e Duda Nagle decidiram que a filha vai se chamar Zoe. A apresentadora ficou muito emocionada com a revelação! O quarto de Zoe, filha de Sabrina Sato e Duda Nagle, teve como tema o circo, tema escolhido pelo casal para a decoração:

Fizemos o berço num tom de rosa mais antigo, mais pastel, e a gente foi para um lado de circo, de bailarinas, de brincadeiras. Colocamos um céu estrelado, nuvens, tudo para deixar bem lúdico e divertido. No início, confesso que queríamos fazer um quarto bem clean. Mas aí pensei: é uma criança, então vamos deixar a imaginação correr solta, né? E o Duda foi super paizão nessa hora, pediu várias coisas. Ficou lindo!”, diz Sabrina.

Seguindo a linha adotada no apartamento de Sabrina, o quarto combina madeira clara com um papel de parede bem delicado com elementos do tema circo, móveis brancos e muitos detalhes em rosa. Luminárias em formato de nuvem, escolhidas a dedo pelo pai, chamam a atenção no décor que, à noite, é iluminado por pontos de fibra ótica parecendo um céu estrelado! As bailarinas trapezistas, da nova coleção da apresentadora para a Grão de Gente, também compõem a decoração do quarto de Zoe.

Está tudo pronto e lindo. E quando entro aqui, fico imaginando ela nesse lugar que foi feito com tanto amor”, escreveu Sabrina em seu Instagram.

Duda e Sabrina já tinham alguns detalhes em mente quando começaram a pensar no espaço da filha. Em entrevista exclusiva à Casa Vogue, Sabrina revelou que *“Duda queria algo bem lúdico, enquanto eu não gostaria de abusar tanto do rosa bebê que todo mundo costuma usar quando tem uma menina”*.

Como repensar a educação sexual no contexto desta inflexão histórica atual decisiva dos pontos centrais para ensaiar a resposta a esta questão é antes de tudo a observância do caráter abrangente e aberto da categoria virtual. No que respeita ao processo educativo já na família e sociedade, cabe ponderar a virtualização em seus aspectos mais gerais, e não somente em sua natureza imediata de meios a serem mobilizados de maneira indistinta em quaisquer contextos práticos. Ainda que esta acepção seja objetivamente existente e mesmo preponderante na efetividade produtiva, o virtual precisa ser pensado primeiramente

segundo sua tessitura formal. Como modalidade nova de procedimento e organização práticos, a virtualidade é uma forma de tomar e articular elementos-chave das atividades pode vir a facultar a virtualização dos elementos inerentes e específicos à atividade interativa como tal. Um horizonte de possibilidade raramente considerado em planejamentos de cursos, de aulas, de avaliações e de rotinas educativas.

Quais seriam os parâmetros que orientariam uma efetiva inserção da operacionalidade virtual na prática educativa institucionalmente configurada e imposta pela sociedade do sexo e sexualidade do bebê. Sob que vetores se daria o ingresso do processo de virtualização na família e como, em contrapartida, tornar a educação uma atualização de virtualidades. Requer-se, antes de tudo, a superação das rotinas burocraticamente tecidas na instituição familiar que servem mais à manutenção de uma dada formatação controlável, as quais podem obstar qualquer propositura nova de formas de encadeamento de atividades e conhecimentos. Pense-se na organização uniforme e abstrata da temporalidade da família, sem que os elementos particulares a cada um dos variados campos de saber e conhecimento, consubstanciados em comportamento e atitudes, sejam realmente levados em conta.

E é necessário evitar os extremos abstratos que caracterizam a apreensão cotidiana do tema sexo e sexualidade e, em algumas circunstâncias, também no espaço familiar. Num polo, tem-se a aceitação acrítica da novidade “pela novidade”, como um simples acréscimo “neutro” no que respeita às atividades. Concebido como um mero plus em termos mercadológicos, os equipamentos e procedimentos de virtualização são apresentados e utilizados como itens decorativos e passam a ser absorvidos e consumidos pela sociedade midiática. Tanto os espaços práticos quanto as normas de sua ordenação não são afetados essencialmente pela mobilização de tais meios. E assim transcorrendo a apropriação da tecnologia, a processualidade familiares raramente varia as dimensões por esta incorporação. Além deste modo, há também outro no qual a positividade da virtualização é tomada de maneira abstrata. Neste, a presença de meios virtuais de interação e produção é tomada como portadora autônoma de causalidade transformativa. Algo que se expressa, de certa forma, acentuam-nas de modo unilateralmente acrítico alguns traços efetivamente “positivos” dos fenômenos contemporâneos, abstraindo sua forma social-histórica particular do sexo e da sexualidade do sujeito. Àquelas a emergência

das tecnologias de virtualização interativa dissolveria por si mesma as formas estranhadas de atuação produtiva e das formas de viver a estas correspondentes, conquanto evidentemente no curso de um desenvolvimento societário particular travejada pela contingência. Não obstante admitam o teor circunstancial dos processos, pensam este somente em sua relação com a dimensão técnica necessária da virtualização, descuidando do peso objetivo da forma histórica das relações sociais e aquelas de propriedade consoante a ela.

No polo oposto, há igualmente que se distar da pura e simples recusa, por seu caráter binário ou em nome do estranhamento cotidiano. Ora, identificam-se os processos de virtualização imediatamente à forma social do capital, revivendo as concepções mistificadoras da economia política e social, o fetichismo em torno do sexo do bebê, arrimando-se na intuição confusa da identidade abstrata entre artefatos/efeitos tecnológicos e sua forma social, preconiza-se a construção de barreiras à incorporação educativa do sexo. A educação sexual nesta perspectiva deveria ser apartada das transformações sociais trazidas da vontade humana recente, manter-se “santuário”, “humano” e “acolhedor”, resguardado da “fria” conversão tecnológico-científica influenciadora da vida.

Esta categoria ontológica constitutiva da aparição objetiva da virtualidade inaugura potencialmente uma série de experiências no sexo e sexualidade e suas diversas dimensões, que ultrapassam qualquer outra trazida pelos meios de interação anteriores. Estar aqui, lá e ao mesmo tempo em lugar algum, desconcerta as referências espaciais a que o pensamento, a linguagem e a interatividade estão acostumados e encerrados. Virtualizar-se o espaço e as relações familiares no sentido de promover o desenvolvimento da personalidade nos processos característicos do sexo e da sexualidade.

A DESCOBERTA DO SEXO DO BEBÊ NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Foi em 2012 que Luana Davidsohn, 58, trouxe dos EUA para sua confeitaria a ideia do bolo para chá-revelação. Ela não imaginava que teria de esperar quatro anos para a novidade emplacar. Em abril de 2016, os pedidos estouraram na Confeitaria da Luana Davidsohn, em São Paulo. “Tínhamos pelo menos quatro pedidos de bolo para chá revelação por mês, às vezes mais de dois no mesmo dia”, relata

a publicitária Marina Zinn, uma das sócias da empresa e responsável pelo marketing. Atualmente, a Confeitaria recebe dez encomendas de bolo chá revelação por mês, em média. Para Marina, o chá revelação “está na moda”

É cada vez mais popular nos EUA organizar festas para descobrir o sexo de um bebê que está a caminho, um homem causou um incêndio florestal durante uma festa para revelar o sexo de seu bebê, no estado norte-americano do Arizona. O desastroso “chá-revelação” ocorreu em abril de 2017, mas as imagens foram divulgadas pelo Serviço Florestal dos Estados Unidos. Nesse caso, o futuro pai, disparou contra um alvo, no meio de um matagal, que tinha as palavras “menino” e “menina”, ideia era revelar o sexo do bebê ao disparar contra um alvo que explodiria uma fumaça azul, indicando que seria um menino. Quando o pai disparou, houve primeiro uma explosão de confete azul – que rapidamente se converteu em chamas. As autoridades locais acreditam que o homem tenha usado uma substância altamente inflamável. Segundo o Serviço Florestal, o fogo consumiu quase 20 mil hectares. Os bombeiros precisaram de uma semana para controlar as chamas. A surpresa custou caro. Os bombeiros demoraram uma semana para controlar as chamas. O incidente ocorreu em 23 de abril de 2017, com a condenação do pai azarão, que terá que pagar uma multa de US\$ 8,2 milhões de dólares em restituição e cumprirá pena de 5 anos em liberdade condicional.

Família usa jacaré em chá para revelar sexo de bebê, os pais do bebê têm uma fazenda de criação dos animais e decidiram inovar na revelação.

O norte-americano encontrou uma forma inusitada de revelar o sexo do seu bebê durante um chá que aconteceu em uma cidade próxima a New Orleans, no sul dos Estados Unidos. Sua família é dona, há décadas, de uma fazenda que cria jacarés e ele resolveu usar um dos animais mais velhos de lá, Sally, que tem 61 anos, para ajudá-lo.

O pai relatou que a jacaré foi um dos primeiros répteis que seu avô criou quando fundou a fazenda e usá-la na revelação foi natural, já que a consideram como membro da família. Sally morde uma melancia e dentro dela havia gelatina azul, indicando que o bebê é um menino.

Em outras festas para revelar qual o sexo do futuro filho, alguns pais batem em uma bola de golfe que explode em rosa ou azul, ou cortam um bolo cujo recheio é da cor representativa do sexo, ou

brindam com bebidas coloridas.

Um e-mail com um comunicado de imprensa falando sobre a “lasanha para chá- revelação” de um restaurante italiano viralizou nas redes sociais. A primeira lasanha do mundo capaz de revelar o sexo de um bebê está sendo oferecida pela cadeia de restaurantes Villa Italian Kitchen, dos Estados Unidos. A opção foi criada para ser usada em chás-revelação, uma celebração na qual os pais descobrem o sexo de seu bebê juntamente com seus amigos e familiares. Geralmente o sexo é revelado ao cortar um bolo com o recheio colorido, ou ao estourar uma bexiga grande cheia de confetes coloridos. Geralmente os tons usados são cor-de-rosa (para uma menina) e azul (para um menino). A lasanha contém queijo cor-de-rosa ou azul (dependendo do sexo do bebê que você terá) e vem com um pacote de buffet.

A ideia de usar o creme de fondue para revelar o sexo do bebê foi de uma rede bem famosa de restaurantes, que serve o prato nas versões doce e salgada. Aqui, eles mostram como é o preparo de uma das opções doces servidas aos clientes, com Nutella e uma camada majestosa de leite ninho por cima: Aparentemente, foi nessa maravilha que eles se inspiraram para fazer a novidade: ao mexer na panela de fondue, a pessoa tem a revelação da cor azul ou rosa, comumente atribuída a meninos e meninas, respectivamente.

Ao ouvir do filho, Adrian Brown, de 20 anos, que ele era um homem trans, a americana Heather Lundberg Green decidiu marcar este momento de revelação para o filho com uma tradição comum a outras mães e seus bebês: um chá revelação que celebra a identidade do garoto. “Eu queria que todo mundo soubesse o que está acontecendo e que esta é a maneira com a qual estamos encarando isso. Para a ocasião, a mãe organizou um ensaio temático em que aproveitou para brincar com Adrian, enrolando-o em um cobertor que anunciava: “é menino!... “Quando seu filho se assume transgênero, a melhor coisa a fazer é criar um ensaio para celebrar o fato que ele, silenciosamente e corajosamente, deixou uma corrida em que ele nunca quis estar, encontrou seu próprio caminho e conseguiu vencer. Feliz 20º aniversário, Adrian! Você é, sem a menor dúvida, o ser humano mais fascinante que eu conheço e eu sempre serei sua maior fã. Eu te amo, eu honro quem você é e eu respeito a sua coragem de ser você, sem se desculpar por isso. Vamos comemorar!”, escreveu a mãe em seu Facebook ao compartilhar as imagens da festa. A homenagem

de Heather, desde então, viralizou e já alcançou mais de 16 mil compartilhamentos, 30 mil curtidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debater a sexualidade humana implica um olhar histórico e cultural de nosso contexto sobre conceito/categorização sobre corpo, sexo, sexualidade. A contemporaneidade o processo de transexualidade e/ou deixam de ser explicadas por normas morais e permanecendo sujeito ao campo médico mais precisamente a psiquiatria, com algum acompanhamento da psicologia.

Para Foucault:

Trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber, prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana. Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso” (FOUCAULT, 1999, p. 16).

Permanece a deficiência de informações à sociedade e ao indivíduo sobre a importância, conflitos familiares, adaptações, bem como a adoção/aceitação e legitimação do nome social.

A incompatibilidade entre o sexo anatômico e gênero impulsiona o sujeito a buscar o reconhecimento como alguém do sexo oposto. A produção acadêmica de discursos, discussões e fóruns sobre as diferenças inicia um percurso de ter lugar de fala, visibilidade, cidadania, repúdio ao preconceito, à categorização de sexo e vivência de sexualidade, despatologização com o objetivo maior de viabilizar o descolamento de anormalidade do sexo e da sexualidade.

“Não importa se você é gay, hétero ou bi, lésbica, transexual. Eu estou no caminho certo, querido, eu nasci pra sobreviver” (Tradução de Born This Way, Lady Gaga).

REFERÊNCIAS

- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.
- BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V., Orgs. **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 3.ed. São Paulo: Cortez, p. 49-79, 2000.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- HÉRITIER, F. **Masculin/Féminin: Lá pensée de la difference**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1996.
- LAHIRE, B. Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável. Trad. R.A. Vasques & S. Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/agosto 2004.
- LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1998.

SITES CONSULTADOS:

- Entrevistas exibida no Fantástico, em janeiro, a transexual Lea T, filha do ex-jogador de futebol Toninho Cerezo <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/03/transexual-pode-sedescobrir-ja-na-primeira-infancia-dizem-especialistas.html>
- <https://www.decorfacil.com/cha-de-revelacao/>
- <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Cha-de-bebe/noticia/2017/02/cha-de-bebe-revelacao-como-organizar-o-seu.html>
- <https://escolhademae.com.br/gravidez-5/confirmando-o-sexo-do-bebe-e-menino-e-nao-menina-873>
- <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,transexualidade-da-infancia-a-terceira-idade,70002166343>
- <https://vejasp.abril.com.br/cidades/crianca-transexual-primeira-justica-nome-genero-mudanca/>
- <https://vejasp.abril.com.br/cidades/ambulatorio-hospital-das-clinicas-atende-criancas-e-adolescentes-genero-nascimento/>
- <http://recordtv.r7.com/programa-da-sabrina/videos/naim-diz-que-homem-e-pablo-vittar-disfarcada-no-faca-disfarca-23122018>
- <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2018/12/sabrina-sato-posa-com-zoe-maior-amor-do-mundo.html>
- <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/11/29/evento-para-revelar-sexo-de-bebe-termina-em-incendio-florestal-nos-eua-veja-video.ghtml>

<https://avozdaserra.com.br/noticias/cha-de-revelacao-festa-da-descoberta-do-sexo-do-bebe>

<https://www.letras.mus.br/lady-gaga/born-this-way/traducao.html>

<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/economia/2018/01/22/confeitaria-luana-davidsohn-bolos-cha-revelacao-sexo-bebe.htm>

Recebido em: 09/06/2019

Aceite em: 12/06/2019.

A UTILIZAÇÃO DA ESCRITA NO *WHATSAPP* E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL

9

THE USE OF WRITING IN *WHATSAPP* AND ITS INFLUENCE IN THE PRODUCTION OF FUNDAMENTAL TEACHING SCHOOL TEXTS

BARBOSA, Antônia Alexandre

Mestre pelo Programa Profissional em Letras-PROFLETRAS, campus de Cajazeiras-CFP-UFCG; professora do Ensino Fundamental da Rede Pública do Ceará.

OLEGÁRIO, Maria da Luz

Doutora em Educação, mestre em Língua Portuguesa, docente do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba. Está vinculada ao Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, campus de Cajazeiras-CFP-UFCG e ao Programa de Pós-Graduação em Gestão nas Organizações Aprendentes-MPEGOA-UFPB.

E-mail: daluzprof@gmail.com

RESUMO:

As influências das mídias digitais e das estratégias empreendidas em seu uso e possíveis influências sobre a linguagem escrita, especificamente, no *Whats-App*, são o escopo deste estudo. Fundamentado em pesquisas desenvolvidas por Crystal (2001), Galli (2002), Xavier (2011), Marcuschi e Hoffnagel (2007), Araújo e Biasi Rodrigues (2005) e Marcuschi (2010), trata-se de levantamento bibliográfico que reflete sobre a linguagem na contemporaneidade, mais especificamente, a linguagem produzida nos novos meios digitais, especialmente as mensagens de *WhatsApp*, e sua possível interferência sobre a produção de textos dos estudantes do ensino fundamental. Para tanto, faz-se uma breve incursão pela história da escrita, tendo por base os estudos de Higounet (2003) que traduzem a evolução dessa modalidade como uma necessidade histórica do ser humano e permite perceber a linguagem digital como um novo estágio nesse processo evolutivo. Assim, percebe-se a necessidade de se considerar a linguagem produzida nos meios digitais como material de análise pelos/as professores/as de língua portuguesa que atuam no ensino fundamental, séries finais, os quais, através dessa abordagem, poderão